

# D. JOSÉ PATRIARCA

VIEIRA ALVERNAZ DAS ÍNDIAS ORIENTAIS



05'novembro'2011 | 15'abril'2012 | sala de oportunidades | museu de angra do heroísmo



# D. JOSÉ VIEIRA ALVERNAZ



## Cruz Peitoral, com cordão

Ouro e ametista  
Portugal, séc. XX  
MAH R1992792

## Anel Prelático

Ouro e ametista  
Portugal, séc. XX  
MAH R1992790

## Retrato de D. José Vieira Alvernaz

Prova fotográfica  
sobre papel  
Goa, cerca de 1960  
MAH R19921222

(D.) [n. Ribeirinha do Pico, Ilha do Pico, 5.2.1898 – m. Angra do Heroísmo, 13.5.1986].

Fez os seus estudos no Seminário de Angra e foi ordenado presbítero em 26.6.1920. Recebeu o doutoramento em Filosofia e Direito Canónico pela Universidade Gregoriana e pelo Instituto Cattolico de Scienze Social de Bérgamo, tendo obtido o doutoramento em Ciências Sociais. Regressado à diocese dos Açores, foi sucessivamente pároco de Santa Luzia e da Praia de Vitoria, na ilha Terceira; director do Colégio Sena Freitas, em Ponta Delgada, e professor e reitor do Seminário de Angra. Eleito bispo de Cochim, foi sagrado em 1.12.1941, na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em Lisboa, e tomou posse da respectiva diocese a 28.12.1941. Nomeado em 23.12.1950 arcebispo titular de Anasarta e coadjutor, com direito a sucessão, do arcebispo de Goa e Damão e patriarca das Índias Orientais, tomou posse canónica em 7.4.1951. Com a nomeação do patriarca D. José da Costa Nunes para vice-cardeal da Santa Igreja, sucedeu-lhe na Sé de Goa a 18.9.1953. Por não poder atender ao governo da arquidiocese por causa da anexação daquele território pela União Indiana, seguiu para Roma em 1962 e daí para os Açores, passando a arcebispo resignatário de Goa e Damão, a seu pedido, desde 22.2.1975. A sua acção pastoral exerceu-se, sobretudo, na Índia, primeiro em Cochim e depois em Goa. Distinguiu-se, particularmente, pelo seu espírito de caridade que se tornara proverbial. A Acção Católica, a Doutrina Cristã e os Seminários ficaram a dever muito à sua acção pastoral em Goa. Em 1994, a diocese de Cochim honrou a sua memória, com a construção de um auditório na cidade de Thoppumpady, daquela diocese, ao qual atribuiu o nome de D. José Vieira Alvernaz.

Percival Noronha [Set. 1996], in *Enciclopédia Açoriana*,  
Centro de Conhecimento dos Açores/Drac



# D. JOSÉ PATRIARCA

VIEIRA ALVERNÁZ DAS ÍNDIAS ORIENTAIS

05'novembro'2011

15'abril'2012

sala de oportunidades  
museu de angra do heroísmo

Em 1990, por doação de Monsenhor Manuel Vieira Alvernáz, recebeu o Museu de Angra do Heroísmo um valioso espólio constituído por objectos e documentação de natureza religiosa e pessoal que pertenceram ao último patriarca português das Índias Orientais, D. José Vieira Alvernáz, e que agora, selectivamente, apresentamos em exposição.

Para este Museu, nunca será demais trazer ao presente este grande vulto do clero açoriano que, na primeira metade do século XX, marca a Igreja e o seu Tempo, indo por vezes até contra o poder dominante.



Chapéu Episcopal

Pelúcia, cetim, alamar  
de algodão e fio de ouro  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902265

Carta do Papa Paulo VI  
a D. José Vieira Alvernáz  
com uma saudação pelas  
suas bodas de prata  
episcopais

Papel  
Roma, 1966  
Espólio JVA

Helena Ormonde







**Igreja de Santo André,  
Arathinkal, Cochim**

Ébano e marfim  
Cochim, 1951  
Oferta de despedida  
dos fiéis  
MAH R1992794

**Cidade de Cochim**

J. V. Schley  
Grawura  
Holanda, séc. XVII  
Oferta de Vitorino  
Nemésio com dedicatória  
MAH R19921219

**Ramalhete Espiritual**

Ébano e marfim  
Cochim, 1944  
Oferta da Paróquia de  
São Luís, Manachery  
MAH R19921201



Dr. José Vieira Alvernax - Morla Portugal

## UMA MEMÓRIA DE D. JOSÉ VIEIRA ALVERNÁZ

Não foi nas melhores condições e circunstâncias que conheci a pessoa do Senhor Dom José Vieira Alvernáz. Mesmo assim, deu para me convencer de que estava perante alguém fora do comum e excepcional, seja na aparência, seja na forma de vestir, seja no modo de tratar as pessoas, seja até no andar.

O reverendo Dr. José Vieira Alvernáz foi nomeado reitor do Seminário Episcopal de Angra uns meses antes de eu para lá entrar, em Outubro de 1937. De modo que foi meu reitor até ao verão de 1941, quando o elegeram bispo de Cochim, diocese da costa indiana do Malabar. E aproveitou para acentuar a largueza da então Igreja nos Açores. Era o picoense D. José da Costa Nunes, arcebispo de Goa, e o micaelense D. Manuel de Medeiros Guerreiro, bispo de Meliapor. Seriam três os açorianos, bispos de dioceses na Índia. Depois, viria o picoense D. Jaime Goulart a ser o primeiro bispo de Dili, em Timor, e o micaelense D. Paulo Tavares, bispo de Macau, a quem sucederia outro picoense, D. Arquimínio Rodrigues da Costa. Enfim, clero de origem açoriana no coração do Padroado Português do Oriente.

Como reitor, devo a D. José Vieira Alvernáz não ter sido expulso do Seminário no meu quarto ano de Preparatórios. Não vem agora ao caso saber porquê. Mas a verdade é que nunca me dei bem com a hipocrisia. Muitos anos depois viria a saber que o futuro secretário de D. José Vieira Alvernáz, o picoense Padre José Maria das Neves, foi quem intercedeu eficazmente por mim. De qualquer modo, a decisão final dependeu do reitor. Ora aconteceu que, numa das visitas de D. José Vieira Alvernáz *ad sacra limina*, em Roma, foi instalar-se no Pontifício Colégio Português, como era costume dos bispos portugueses e onde eu residia. Encontrámo-nos. Foi um daqueles inesquecíveis momentos. D. José Vieira Alvernáz fixou em mim o enigmático olhar que sempre trazia, sorriu como só ele sabia sorrir, pois comunicava mais pelas feições e pelo gesto que por palavras, e pareceu-me ouvir-lhe dizer em silêncio: "Olha lá se te tinha mandado embora!" Foi de facto em Roma, apesar de tudo, que aprendi a procurar ser cristão.

Lembro-me de uma só vez ter rido da pessoa de D. José Vieira Alvernáz. Foi quando, nós seminaristas, estávamos de passeio no Cais da Alfândega e vimos surgir o nosso reitor, de passagem para o quartel da Brigada Naval que ficava onde é hoje a Guarda Nacional Republicana, muito apertado na sua farda verde-azeitona de capelão da Legião Portuguesa, com o bivaque às três pancadas. O hierático reitor do Seminário, naquele traje, dava mesmo para rir. Mas lá ia, sério como de costume, e possivelmente convicto de que estava cumprindo um dever e, quiçá, evangelizando. Logo me coibi e os outros, porque com aquele "senhor reitor" não se brincava. Talvez, e lá bem no fundo, não porque o temêssemos. Mas porque o respeitávamos. Ouvia-se dizer que era sábio, sentia-se que era um santo. E sabia-se que dava quanto tinha aos pobres. Por isso, trajava a trouxe-mouxe e foi preciso recorrer a um peditório pela diocese inteira para o vestir de bispo. Deixou nome e saudades.

Há quem diga que, pelo muito seroar pela noite dentro, o Dr. Alvernáz pegava facilmente no sono durante o dia. É verdade. Foi meu professor de Física. Dava as aulas, andando de um lado para o outro, de relógio de bolso na palma da mão. Um belo dia parou. Calou-se. O relógio caiu-lhe ao chão. Foi o que o acordou. Mas ninguém seriu nem me lembro de ele se haver desculpado perante os alunos: era o seu natural.

Também se diz que levava as noites em oração. Não sei. O que sei é que tinha muitos quefazeres: Seminário, Acção Católica, Legião Portuguesa, acção social e caritativa... E havia que preparar-se e cuidar de tudo isso. Mas que era homem de oração, era. Frequentemente, quando às sete da manhã rumávamos à capela interior do Seminário para a oração da manhã, a meditação e a Missa, já lá estava ele, sabe-se lá desde quando, numa aparente, e possivelmente real, absorção e contemplação. Ele também era assim. Para ser franco, creio que foi este o melhor legado que me deixou.



**Porta-documentos**

Ébano e marfim  
Cochim, 1951  
Oferta dos clérigos e  
dos fiéis da Diocese  
de Cochim  
MAH R1992795

**Caixa**

Ébano e marfim  
Índia, séc. XX  
MAH R1992798

**Porta-documentos**

Ébano e marfim  
Índia, séc. XX  
MAH R1992796



## D. JOSÉ VIEIRA ALVERNÁZ: UM PERCURSO DE VIDA EXEMPLAR

José Vieira Alvernáz, último prelado português que usou os títulos de Arcebispo de Goa e Damão, Patriarca das Índias, Primaz do Oriente, foi um homem extraordinário, pela bondade, afectividade, singeleza de feitio, cultura, fé imensa. Conheci-o quando eu tinha 13 anos. Guardo a imagem das suas mãos, do sorriso, do olhar, do jeito que tinha de sentar-se à secretária de um escritório despojado numa casa modesta para me ensinar Matemática, tarefa em que para seu e meu desespero o sucesso foi pequeno. Muitos anos mais tarde, investiguei a sua vida e obra em Portugal, em Roma, em Cochim e em Goa, a fim de escrever a biografia que foi publicada pelo Instituto Açoriano de Cultura. Fiquei surpreendida ao perceber como a sua vida abarcou etapas importantes da História do século XX. Assim, aquando da implantação e primeiros anos da República Portuguesa, era aluno do Seminário Episcopal de Angra que, na sequência das reformas instituídas pelo novo regime, foi secularizado. Anos mais tarde, estudava em Roma, quando se dá a subida ao poder de Mussolini. Durante a II Guerra Mundial, estava em viagem para a Índia, quando ocorreu o ataque japonês em Pearl Harbour e, quando se dá a independência daquele país, era bispo de Cochim. Ele próprio entrou na História pelo papel que desempenhou no processo de anexação dos territórios de Goa, Damão e Diu pela União Indiana, em Dezembro de 1961.

Os goeses não esqueceram D. José Vieira Alvernáz. Recordam-no como o Patriarca vestido de branco que punha de parte as suas comodidades para ir em socorro de quem dele necessitava ao volante de um *jeep*, levando consigo o conforto que podia dar e criando alegria nas aldeias que visitava, como se pode ler numa notícia publicada no jornal *A Índia*, a 1 de Fevereiro de 1964. Mantiveram uma ideia de gratidão para com o último prelado português. Miguel de Miranda escreveu no jornal *O Heraldo*, em 5 de Fevereiro de 1978, mais de uma década depois de Alvernáz deixar a arquidiocese: "O povo desta terra, católico e não católico, deve-lhe um enorme serviço. Num momento de dor e luto, quando a paz estava ameaçada, interveio para evitar lutas, esse foi um benefício que não pode nem deve ser esquecido." Por sua vez, Artur Pereira publicou no jornal *A Vida*, em Junho de 1970, um texto evocativo dos 50 anos de ordenação sacerdotal de Alvernáz, dizendo: "É merecedor de toda a nossa gratidão, procurou sempre o bem da arquidiocese. Esta terra mantém uma dívida para com o seu antigo Patriarca." Um sacerdote goês com quem conversei não teve dúvidas em afirmar que Alvernáz salvou Goa da destruição e salvou a vida dos seus habitantes.

Mas quem foi o Patriarca? Respondo assim: José Vieira Alvernáz nasceu na ilha do Pico, em 1898; foi ordenado em Angra do Heroísmo, em 1920; licenciou-se em Direito e doutorou-se em Filosofia na Universidade Gregoriana, em Roma, em 1925; doutorou-se em Sociologia, no Instituto de Ciências Sociais de Bérghamo, no mesmo ano; exerceu sacerdócio na ilha Terceira; fundou e dirigiu o colégio Sena Freitas, em Ponta Delgada; foi professor e reitor do Seminário de Angra; foi sagrado bispo de Cochim, na Basílica dos Mártires, em Lisboa, a 1 de Dezembro de 1941; viveu em Cochim muitos anos. Nomeado coadjutor com direito de sucessão de D. José da Costa Nunes, na Arquidiocese de Goa e Damão, em Março de 1951, ascendeu ao sôlio arquiépiscopal dois anos mais tarde, passando a usar títulos sumptuosos: Patriarca das Índias Orientais, Primaz do Oriente, Arcebispo Titular de Cranganor, Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Goa e Damão.

Dirigiu a arquidiocese quase uma década, guiado pelo seu espírito ecuménico e de respeito por outras religiões. Do seu trabalho, ressalta a especial atenção dada ao ensino que o levou a criar lares e escolas para alunos de ambos os sexos e a ajuda humanitária que prestou à população, fundando dispensários e centros sociais que forneciam alimentos e cuidados médicos. Reorganizou a Acção Católica de tal forma que, no final da década de 1950, havia núcleos de activistas católicos em toda a arquidiocese. Saudou a criação de dioceses em território indiano, quando foram alteradas as fronteiras da Arquidiocese de Goa. Participou na sagração dos prelados dessas novas dioceses, dizendo que enriqueciam a arquidiocese-mãe e eram a prova de uma missão frutuosa. Preocupou-se sempre em manter viva a fé católica e a sua grei organizada. Tinha grande orgulho em ser bispo do Padroado Português do Oriente e enorme coragem, a rondar a insensatez, de tal forma que visitou o enclave de Nagar-Aveli pouco antes de este ser anexado pela União Indiana e, mais tarde, fez uma visita pastoral a locais do território de Goa onde se repetiam incidentes entre tropas portuguesas e nacionalistas indianos.



Estava em Roma em Dezembro de 1961. Regressou à sua diocese exactamente no dia em que o governador-geral, general Vassalo e Silva, recebeu o telegrama de Oliveira Salazar a informar que a União Indiana ia desencadear uma forte operação militar nos territórios e a célebre mensagem cifrada a pedir aos militares o seu sacrifício total. Não me alongo em detalhes sobre os acontecimentos de 18 e 19 de Dezembro de 1961, apenas lembro que Alvernaz foi ao quartel-general das tropas portuguesas conversar com o general, a quem aconselhou a rendição a fim de se evitarem mortes de civis e militares - "uma efusão inútil de sangue", como foi escrito - e os bombardeamentos que estavam anunciados. No regresso, foi vítima de um "desacato", desfeitoado e insultado por populares. Magoado com esse acontecimento recolheu-se no Paço Patriarcal sem voltar a aparecer em público.

Não é verdade que durante a missa celebrada na véspera de Natal tenha agradecido às forças indianas a bondosa atenção para com ele e a sua igreja, como publicou o jornal *The Times of India*, na edição de 26 de Dezembro. Não é verdade que tenha rezado na Basílica de Bom Jesus para agradecer a protecção de São Francisco Xavier, como noticiou o jornal *O Século* dias mais tarde. Tão pouco é verdade que pactuou com o governo indiano, conforme circulou nas embaixadas portuguesas e foi noticiado em jornais estrangeiros de maior referência. O arcebispo deixou de aparecer, a sua sotaina branca não voltou às estradas de Goa. Celebrou a missa da véspera de Natal na capela interna do Paço Patriarcal, ordenou sacerdotes e presbíteros nessa mesma capela, em finais de Dezembro. Também não é verdade que tenha acolhido e dado protecção a habitantes de Goa no palácio patriarcal nem tão pouco recebeu o general Vassalo e Silva, como noticiaram os jornais nacionais, na mais completa campanha de desinformação. Os militares portugueses foram levados para campos de prisioneiros.

Retirado da vida pública, escreveu muito nesta altura, deixando instruções relativas ao funcionamento das escolas paroquiais, conselhos sobre a fé, sobre a convivência entre credos. E preparou a sua sucessão: devido à Concordata, o Vaticano só podia nomear novo prelado com consentimento do governo português; assim sendo, Alvernaz delegou poderes no vigário geral Monsenhor Francisco Xavier da Piedade Rebello e esperou com paciência e sabedoria.

Contra a sua vontade, o clero goês ofereceu-lhe uma cruz peitoral coberta de pedras preciosas nesta altura. Era a homenagem de despedida. Alvernaz não quis prenda tão valiosa, doou-a ao Seminário de Saligão, que a mantém em exposição no Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa, na Velha Cidade.

Deixou Goa, em Setembro de 1962, só com uma mala de mão. As poucas coisas que queria trazer consigo, vestes episcopais, álbuns de fotografias, objectos pessoais e recordações, que agora estão no Museu de Angra do Heroísmo, ficaram em cima do cais de Mormugão. As autoridades indianas não autorizaram o embarque. Alvernaz viajou de avião e chegou a Roma sozinho. Participou na abertura do Concílio Vaticano II, outra etapa histórica na sua vida. Meses mais tarde, viajou para Lisboa e os Açores. Viveu numa casa de família em Santa Luzia, na ilha Terceira, passando o Verão no Pico, numa "adega" também da família. Durante anos, ocupou o tempo a exercer a sua grande vocação, ensinar. Recebeu alunos e alunas do liceu que funcionou no Convento de S. Francisco. Tinha especial prazer em vê-los aprender, mas não falava da Índia. Fui um desses ensinados, nunca lhe escutei uma queixa ou uma recordação.

Entretanto, o Vaticano escolheu monsenhor Piedade Rebello para bispo auxiliar e mais tarde para administrador apostólico, cargos que não necessitavam de consentimento do governo português. Em seguida, nomeou coadjutor Monsenhor Raúl Nicolau Gonsalves, ou seja, a pouco e pouco as peças do difícil *puzzle* da sucessão do arcebispo de Goa, sem haver consentimento do governo português, foram sendo colocadas nos seus lugares. Alvernaz manteve os seus títulos, mas delegou todos os poderes canónicos e, de longe, foi seguindo os acontecimentos, sem mágoas. Recebeu correspondência da Índia, encontrou-se com os novos prelados, durante o Concílio Vaticano II e também na Terceira, onde recebeu a visita de Monsenhor Raúl Nicolau Gonsalves, corria o ano de 1967. Não é verdade que tenha sido privado do seu vencimento pelo governo português, como tantas vezes ouvi dizer, há documentos que mostram o contrário.

Em Abril de 1975, depois de estar assinado e ratificado o tratado em que Portugal reconheceu a soberania da União Indiana sobre os territórios de Goa, Damão e Diu, foi autorizado pelo Vaticano a resignar dos seus cargos. Morreu em sua casa, em Março de 1986 e foi sepultado no Cemitério da Conceição em Angra do Heroísmo. Mandou gravar no seu túmulo as palavras *Ignem Accende*, lema do seu pastorado.



D. JOSÉ  
VIEIRA ALVERNIZ

PATRIARCA  
DAS INDIAS ORIENTAIS

05'novembro'2011  
15'abril'2012

sala de oportunidades  
museu de angra do heroísmo

Casula

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902295

Estola

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902296



Casula

Seda moirée  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902282

Estola

Seda moirée  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902283

Bolsa

Seda moirée  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902285



Casula

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902277

Estola

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902278

Bolsa

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902280





#### Casula

Damasco de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902287

#### Mitra

Seda, cetim e fio de ouro  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902272

#### Roquete

Linho, renda e seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19902253



D. JOSÉ  
VIEIRA ALVERNAZ  
PATRIARCA  
DAS ÍNDIAS ORIENTAIS

05'novembro'2011  
15'abril'2012

sala de oportunidades  
museu de angra do heroísmo



Medalha Condecorativa  
da Legião Portuguesa

Prata, metal e fita  
de gorgorão de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19921228

Grã-Cruz, Placa, Botão  
e Distintivo da Ordem  
do Infante D. Henrique  
(condecoração)

Metal, esmalte e fita  
de gorgorão de seda  
Portugal, séc. XX  
MAH R19921223/24/25/26

Chave de Ouro  
da cidade de Oakland

Metal dourado  
Califórnia, 1957  
MAH R19921202



Sinete Episcopal

Madeira e latão  
Portugal, séc.XX  
MAH R19921204

Caneta e  
Esferográfica, Parker

Metal dourado e  
material sintético  
EUA, séc. XX  
MAH R19921217/18





D. JOSÉ  
VIEIRA ALVERNÁZ  
PATRIARCA  
DAS ÍNDIAS ORIENTAIS

05'novembro'2011  
15'abril'2012

sala de oportunidades  
museu de angra do heroísmo



9 789899 539396



  
Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direcção Regional da Cultura

Museu de Angra do Heroísmo

**MAH**

edição: Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura/Museu de Angra do Heroísmo/2011 . coordenação: Helena Ormonde . realização e fotografia: Paulo Lobão . montagem: Augusto Vilaça, Carmelo Amarante, Denilde Silva, Eleutério Pimentel, Jorge Oliveira, M. Manuel Velasquez, Luís Borges, Norberto Bellencourt . dinamização e actividades educativas: Ana Lúcia Almeida . textos: Helena Ormonde, Artur da Cunha Oliveira e Maria Guiomar Lima . revisão de textos: Ana Lúcia Almeida . design e execução gráfica: Bizex Projectos . isbn: 978-989-95393-9-6 . depósito legal: 335253/11